

# Tarefa de survey

Felipe Lamarca

2026-07-05

Nesta tarefa, reformulei para o formato *online* o questionário da pesquisa “Jogo do Bicho” do Datafolha (1988), com adaptações que o tornaram mais curto e focado na percepção sobre a legalização do jogo e na quantificação de quem já jogou. Evitei menções à ilegalidade e destaquei o anonimato para reduzir o viés de desejabilidade social. Também utilizei técnicas de *branching*, linguagem suavizada e perguntas mais concretas, seguindo recomendações metodológicas de Smyth (2016) e Krosnick (2018). As perguntas de perfil e mais sensíveis foram deixadas para o fim, com exceção da cidade e idade, que servem para filtrar os respondentes.

## Escolhas e justificativas

Nesta tarefa, reproduzi para o formato *online* o questionário da pesquisa “Jogo do Bicho”, conduzida pelo Datafolha em junho de 1988 nas cidades de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ). O questionário original e as tabelas resultantes da condução da pesquisa pode ser encontrado [aqui](#)<sup>1</sup>. É possível acessar o link do questionário modificado, hospedado no Google Forms, [aqui](#).

Realizei uma série de modificações, incluindo a escolha de uma quantidade menor de perguntas. No formato modificado, mais curto, o questionário permite medir a percepção da população sobre a legalização do jogo do bicho e oferece uma tentativa potencialmente mais eficaz de quantificar a proporção de pessoas que jogam ou já jogaram. Por outro lado, com a remoção de algumas perguntas, não é possível medir, por exemplo, o motivo que leva as pessoas a serem a favor ou contra a legalização. Para tentar diminuir a carga negativa atribuída a jogar no bicho (afinal, trata-se de um jogo ilegal) e tentar minimizar o viés de desejabilidade social, chamei o questionário de “Loterias formais e informais no Brasil”, evitando menções explícitas à ilegalidade. Como o título do questionário é visível ao usuário no caso *online*, essa modificação pode ser importante. Além disso, no texto inicial, deixei claro (inclusive marcando em negrito, conforme indicado por Smyth (2016)) que as informações do questionário são totalmente anonimizadas e que nenhuma informação fornecida permite identificar o respondente. Inclusive, ao questionar se o respondente já havia jogado alguma vez no bicho, reforcei o caráter anônimo do questionário e utilizei expressões como “Você por acaso já...”, tentando tornar a resposta mais socialmente aceitável (Smyth 2016, 224). No mais, o formato online acaba oferecendo uma vantagem metodológica para temas sensíveis como esse, já que a autoadministração pode, por si só, reduzir o viés de desejabilidade social (Smyth 2016, 224).

---

<sup>1</sup>A pesquisa foi publicada pelo Cesop em setembro de 2024, na ocasião da aprovação do projeto de lei que autorizou o funcionamento de bingos e cassinos e regularizou jogos de azar, conforme [postagem](#) do próprio Cesop no Facebook.

Algumas das perguntas também foram sensivelmente modificadas. Ao invés de perguntar, por exemplo, “Você costuma jogar na Loto mesmo que raramente? Com que frequência?”, evitamos a pergunta de duas questões ao mesmo tempo, separando a questão de afirmação/negação da questão de frequência, além de condensar diferentes loterias formais em uma única questão. A respeito da opinião sobre a legalização do jogo do bicho, fiz o *branching* da resposta para que o respondente, após concordar ou discordar, informasse o grau de concordância ou discordância (Krosnick 2018). Outros ajustes a serem destacados incluem as recomendações de Krosnick (2018) quando diz que “If what you want is a number just ask for the number.” (Krosnick 2018, 450): ao invés de questionar sobre frequências em termos abstratos (“frequentemente”, “raramente” etc), ofereço opções de resposta mais concretas (nenhuma vez, 1 vez, de 2 a 5 vezes e assim por diante), perguntando, inclusive, sobre informações nos últimos 30 dias – o que facilita a recuperação da informação por parte do respondente (Smyth 2016, 222). Por fim, utilizei a recomendação de Smyth (2016) (p. 219) de evitar deixar perguntas “[...] boring, embarrassing, or sensitive [...]” no início do questionário. Por isso, as perguntas de perfil foram movidas para o final do questionário, com exceção da pergunta sobre a cidade de residência e a idade, que são relevantes para a filtragem dos respondentes<sup>2</sup>. Essa abordagem também oferece desafios, já que o respondente pode deixar o questionário antes de chegar ao final e, com efeito, as informações de perfil não estarão disponíveis para pós-estratificação. No entanto, como o questionário é curto, essa possibilidade é reduzida. Outro ponto de atenção no questionário é o fato de que a divisão das perguntas em diferentes seções, embora importante para separar as perguntas, pode oferecer ao usuário uma sensação de cansaço e acarretar a decisão de parar de responder antes do final.

## Referências

- Krosnick, Jon A. 2018. «Questionnaire Design». Em *The Palgrave Handbook of Survey Research*, editado por David L. Vannette e Jon A. Krosnick. Springer International Publishing.
- Smyth, Jolene D. 2016. «Designing Questions and Questionnaires». Em *The SAGE Handbook of Survey Methodology*, editado por Christof Wolf, Dominique Joye, Tom W. Smith, e Yang-chih Fu. Sage.

---

<sup>2</sup>Indivíduos menores de 16 anos ou residentes fora do Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP) não devem responder ao questionário, conforme as especificações do desenho do questionário original.